

Boas lembranças do Cerrado *nativo*

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

As lembranças que o italiano Ugo Bureste guarda com mais carinho de Brasília antes de ser inaugurada nada têm a ver com as obras que dariam o formato à cidade até 1960. Natural da cidade de Arezzo, na Itália, Bureste gosta de falar da fauna e flora abundantes que encontrou no Planalto Central quando aqui chegou, em maio de 1957. “Caçava perdizes no local onde hoje está o Hotel Nacional e no morro onde foi construída a Rodoviária”, conta. “Próximo à construção do Brasília Palace, cansei de me deparar com veados em bandos atravessando a mata que existia ali”, completa.

Pioneiro dos pioneiros, como ele mesmo se define, Bureste mudou-se para cá em busca de história. Recém-chegado da Itália arrasada pela Guerra, vivia em São Paulo desde 1952, quando soube pelos jornais que o então candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek, prometia levar a capital federal para o interior do Brasil. “Não estava aqui há muito tempo, mas me admirava o fato de o interior do Brasil ser tão abandonado”, afirma. “Sabia que o cumprimento daquela promessa era fundamental para o desenvolvimento do país”, completa.

Doutor em Economia e estu-

dioso de Filosofia, Bureste trocara a carreira desenvolvida em seu país natal pelo trabalho de representante comercial em solo brasileiro. Mas o interesse por acontecimentos históricos o levaram a mudar de rumo novamente e a participar do projeto de JK. Ele desembarcou aqui quando as únicas construções iniciadas do Plano Piloto eram o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. “A decisão de iniciar Brasília por estas duas obras foi estratégica”, ensina. “Uma por ser a casa do presidente, e a outra porque receberia os visitantes ilustres que

a cidade teria”, conclui.

Em São Paulo, o projeto de Bureste era vir a Brasília, por dois dias, definir a atividade profissional que desenvolveria e retornar à capital paulista para providenciar a mudança. Acostumado com o desenvolvimento, Bureste se deu conta da precariedade das condições de vida que enfrentaria aqui ao chegar ao Hotel Souza, que ficava onde hoje está a Avenida Central do Núcleo Bandeirante. “Esperava encontrar acomodações razoáveis, mas o hotel era um barracão feito de tábuas sobrepostas, dividido em

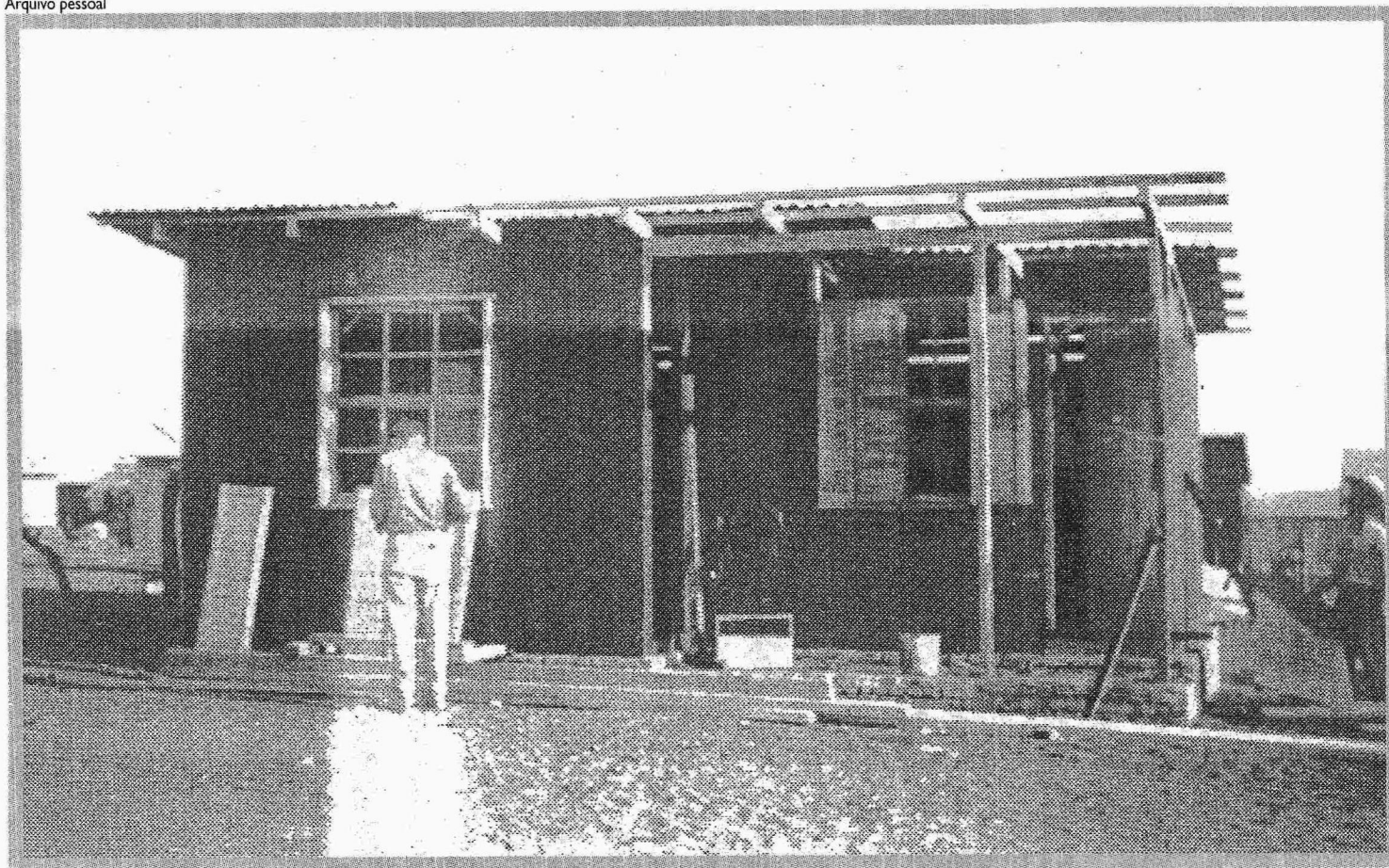
dois cômodos com cinco colchões de palha cada”, descreve.

Areia e pedra

Disposto a fazer qualquer coisa para permanecer aqui, o italiano apresentou-se ao grupo de engenheiros da empreiteira que construía o Brasília Palace. “Perguntei o que eu podia fazer para ajudar e eles me disseram para procurar areia e pedra”, recorda-se. A sentença estava dada: a nova ocupação do economista seria desbravar o Cerrado fechado em busca da matéria-prima, fundamental e necessária para

o início das obras.

De volta a São Paulo, Bureste providenciou o transporte de uma casa pré-fabricada para a Cidade Livre. Até 1960, o local serviria de depósito, escritório e dormitório para o italiano, como



DE SÃO PAULO, UGO TROUXE
UMA CASA PRÉ-FABRICADA, QUE
LHE SERVIU DE ESCRITÓRIO E
DORMITÓRIO NO INÍCIO DA VIDA
EM BRASÍLIA

O pioneiro chegou ao Brasil, vindo da Itália, em 1952. Em 1957, decidiu abraçar o sonho de JK e ajudar na construção da nova capital. Aqui, forneceu areia e pedra para as obras

**UGO E HEPONINA,
DEPOIS QUE
PERDERAM A
PRIMEIRA CASA,
RESOLVERAM FICAR NA
CIDADE QUE
ESCOLHERAM PARA
VIVER**

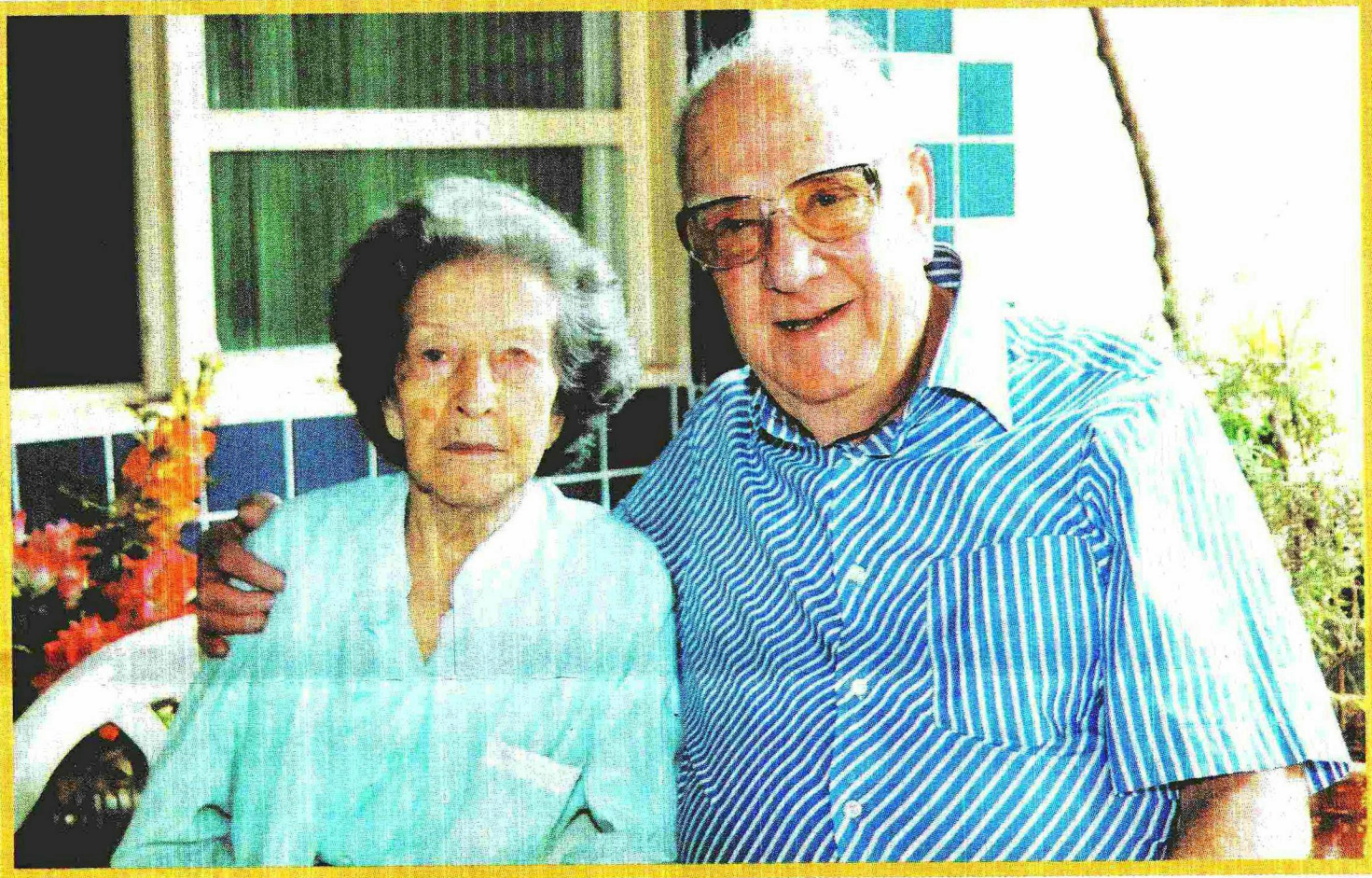
todas as outras construções instaladas ali. “Os terrenos no Núcleo Bandeirante eram dados em comodato para serem devolvidos quando a construção da capital terminasse”, conta.

Descobertas pitorescas

Os primeiros caminhões da empresa Buresti e Companhia Ltda. eram alugados. Bureste e alguns candangos se adentravam na mata em busca dos melhores locais para extrair pedra e areia. O trabalho ganhava ares de aventura por ser feito numa vegetação pouco conhecida pela maioria das pessoas que chegavam ao futuro Distrito Federal. “Havia gente de todos os lugares do país, mas entre os trabalhadores mais simples, os das regiões Norte e Nordeste predominavam”, diz. “Naquele tempo, a maioria dos brasileiros nem sabia onde ficava o Goiás, imagina conhecer as peculiaridades do Cerrado”, afirma.

As surpresas encontradas na natureza faziam parte do cotidiano do italiano e seus empregados. Numa de suas investidas, por exemplo, o grupo ouviu pela primeira vez uma cobra sucuri gemer. “Parece mentira, mas o ruído que ela produzia parecia o mugido de um boi”, diverte-se. Em outra empreitada, no mesmo lugar desse episódio, Bureste descobriu a mina da Reserva Ecológica da Água Mineral, que décadas mais tarde se tornaria um dos principais pontos de lazer da população do DF.

O primeiro encontro de Bureste — um dos fundadores do Rotary Club em Brasília — com o presidente, que tanto admirava, aconteceu no mesmo ano em que chegou aqui, 1957. JK fora convidado



“
**(EM BRASÍLIA)
HAVIA GENTE DE
TODOS OS
LUGARES DO PAÍS,
MAS ENTRE OS
TRABALHADORES
MAIS SIMPLES,
OS DAS REGIÕES
NORTE E
NORDESTE
PREDOMINAVAM**”

para um almoço no Brasília Palace com os membros do clube, mas não pôde comparecer por ter de participar do lançamento da pedra fundamental do prédio do Banco do Brasil no Setor Bancário Sul. Cavalheiro por natureza, o presidente convidou a todos para uma reunião no Palácio da Alvorada no dia seguinte.

Do encontro, o italiano lembra com detalhes de um diálogo com JK. “Ele dizia que, quando deixasse o governo, o próximo presidente tentaria levar a capital de volta para o Rio de Janeiro”, conta. “Perguntei o porquê de pensar assim e ele me disse que conhecia o seu povo”, conclui.

Asa Norte

Após a inauguração da cidade, os comerciantes instalados no Núcleo Bandeirante foram convidados pela Novacap a se mudarem para a Asa Norte. Ao contrário da Asa Sul, o lado norte do Eixão não havia se desenvolvido. Grande parte dos moradores do Núcleo

insistira em permanecer na cidade e não aceitara a oferta do governo. Bureste, por sua vez, não hesitou em fazer a mudança. “Desde o início, todos sabiam que aquela localização era provisória”, justifica. “Levei algumas tábuas do barraco onde morava e me estabeleci na W3, no local que me fora indicado.”

Para o italiano, a resistência da população do Núcleo foi um dos motivos do atraso no desenvolvimento da Asa Norte, que por muitos anos foi sarcasticamente apelidada de *Asa Morte*.

Apesar de ter apreço pela cidade que o acolheu quando aqui chegou, Bureste e a esposa, Heponina, não tinham muito a perder na época, depois que a residência do casal teve que ser sacrificada por um benefício maior, como explica o italiano: “Um incêndio tomava conta do Núcleo e se dirigia para um posto de gasolina, próximo a nossa casa. Para evitar o desastre, decidimos destruir a construção.”

Raio X

Nome:
Ugo Bureste
Origem:
Arezzo, Itália
Idade:
89 anos
Ano de chegada a Brasília:
1957
Profissão:
Comerciante
Mulher:
Heponina Bureste
Filhos:
Enrico e Guido Bureste
Netos:
Chiara e Michele